

A TRINDADE COMO POSSIBILIDADE PARA PENSAR AS RELAÇÕES HUMANAS EM NOSSOS DIAS¹

Leonardo Envall Diekmann²

Adriano André Maslowski³

10

RESUMO: No presente trabalho buscamos refletir o mistério da Trindade Cristã, a íntima relação entre as três pessoas deste mistério de amor, o Pai, o Filho e o Espírito Santo como comunhão, a diversidade presente no uno, a partir da relação kenótica de esvaziamento e entrega de si para o outro, num ato de reponsabilidade ética com o outro. Seria demasiadamente pretencioso o interesse em apreender a Trindade em um pensamento humano, assim sendo, nossa intenção é, antes de tudo, refletir como essa inter-relação entre as três Divinas Pessoas pode ser um caminho pelo qual o ser humano contemporâneo possa transpor as barreiras do individualismo e redescobrir a humanidade do homem no encontro com o outro.

PALAVRAS-CHAVE: Comunhão, Kénosis, Outro, Responsabilidade.

ABSTRACT: In the present work we seek to reflect the mystery of the Christian Trinity, the intimate relationship between the three persons of this mystery of love, the Father, the Son and the Holy Spirit as communion, the diversity present in the one, from the kenotic relation of emptying and surrender from one to the other, in an act of ethical responsibility towards the other. The interest in apprehending the Trinity in a human thought would be too pretentious, so our intention is, first of all, to reflect how this interrelation between the three Divine Persons can be a way by which the contemporary human being can overcome the barriers of individualism and rediscover mankind's humanity in the encounter with the other.

KEYWORDS: Communion, Kenosis, Other, Responsibility.

¹ No presente artigo abordaremos a Doutrina da Trindade, refletindo-a segundo o pensamento Católico Ocidental, a partir dos pensadores Leonardo Boff e Emmanuel Levinas.

² Pós-Graduado em Filosofia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI); Graduado em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE); Graduando em Teologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Contato: diekleo@hotmail.com

³ Doutorando pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Pós-graduado em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Pós-Graduado em Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo pela Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões (URI); Graduado em Teologia pela Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões (URI); Graduado em Filosofia pelo Instituto de Filosofia Berthier (IFIBE). Contato: adrianolowski@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Muito antes de existir uma doutrina sistematizada sobre a Trindade ela já existe enquanto tal. A falta de consciência desta realidade divina não diminui sua importância, tão pouco sua grandiosidade. Pelo contrário, por ser um pensamento tão complexo e articulado não se faz tão simples se falar e até mesmo escrever sobre a Trindade. Mas, mesmo assim, ela se faz presente no dia a dia das pessoas, sejam elas cultas ou simples e modestas. Em todas nossas celebrações religiosas a Trindade aparece, seja pelo sinal da cruz, algum canto, pregação, oração ou rito, pois como diz o Catecismo, “a fé de todos os cristãos consiste na Trindade” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 66). Assim sendo, a Trindade é um mistério de fé (cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 67), fonte de todos os outros mistérios da vida cristã, o qual os ilumina (cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 67).

Com o advento da modernidade se postulou a morte de Deus⁴ (Nietzsche), em busca de uma pseudolibertação, emancipação do ser humano das amarras dogmáticas da religião que o mantinha preso num mundo de credices e mitos. Até então, “um Deus intervinha na história humana, como força, certamente soberana, invisível ao olho, sem ser demonstrável pela razão” (LEVINAS, 2012, p. 41). A modernidade prometia ser a resposta para os problemas da vida humana, num contexto onde a razão e a ciência ofereceriam as bases para a mesma. Todavia, o homem moderno não encontrou amparo no mundo da racionalidade, caindo no abismo do relativismo e do secularismo. O conhecimento, os bens, os avanços mostram-se benéficos, mas não conseguiram saciar uma necessidade ulterior, presente no âmago das entranhas humanas. Este homem moderno encontrar-se angustiado, pois está no mundo como um filho sem pai. Órfão da figura paterna que regia a vida e a sociedade em idos de outrora, restam-lhe apenas as incertezas. “A crise do sentido é ressentida pelos contemporâneos como uma crise no monoteísmo” (LEVINAS, 2012, p. 41). Ora, é justamente neste cenário conturbado que a Trindade pode oferecer um auxílio, ser um amparo, não como um ópio, uma droga anestésica para suportar a dor da existência (Marx), mas uma forma pela qual o homem moderno pode

⁴ A postulação da morte de Deus é um marco divisor de águas na modernidade. Proclama-se a morte de um Deus puramente metafísico, o Deus dos milagres, da magia, da pura transcendência, numa época onde ninguém mais esperava por milagres (cf. LEVINAS, 2012, p. 41). Perde-se assim o sentido de um mundo perfeito, simplesmente ordenado por este deus metafísico.

ressignificar sua vida e, inspirado nas relações da Trindade, caminhar rumo a um novo horizonte.

No presente artigo não temos a pretensão de escrever um tratado sobre a Trindade, tão pouco defini-la em conceitos lógicos, restringindo-a a uma interpretação ou ideia, nem afirmar que seria a Trindade a solução para as mazelas da vida humana. Nosso objetivo com o presente trabalho é refletir sobre o mistério da Trindade como comunhão de amor, modelo de comunidade que, através do amor intratrinitário perpassado em cada pessoa divina da Trindade, lança luzes para nossa realidade contemporânea tão marcada pelo individualismo, egoísmo, relativismo, intolerância e desesperança. Em um primeiro momento traremos presente a doutrina da Santíssima Trindade construída no transcorrer da história como resultado da reflexão de grandes nomes da Igreja, tais como Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, os Santos Padres do Oriente, Gregório de Nissa, Basílio e Gregório Nazianzeno. Em um segundo momento refletiremos o caráter kenótico da Santíssima Trindade a luz da pessoa de Jesus Cristo. Em um terceiro momento abordaremos, a partir do pensamento levinasiano, a Trindade não como conceito abstrato, mas experiência concreta que antecede e ultrapassa as barreiras mentais, manifestando-se na vida humana, como exemplo, modelo, inspiração e interpelação frente as angústias do homem contemporâneo.

1. A TRINDADE COMO DOCTRINA

A doutrina sobre a Trindade é uma construção histórica. Trata-se de um pensamento articulado, reflexão desenvolvida a partir do legado deixado através do texto bíblico. Podemos afirmar que é a expressão da fé cristã em seu Deus. “Sob o nome de Deus a fé cristã vê o Pai, o Filho e o Espírito Santo em eterna correlação, interpretação e amor” (BOFF, 1986, p. 21). Não são três deuses, mas um só Deus, uno e trino. Trata-se de uma Trindade consubstancial⁵ (cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 70). Assim sendo, no princípio de tudo está a comunhão entre as pessoas divinas⁶.

⁵ A categoria de substância é empregada como sinônimo de essência ou natureza para designar o ser divino em sua unidade (cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 70).

⁶ A categoria de pessoa é empregada enquanto sinônimo de hipóstase, designando o Pai, o Filho e o Espírito Santo em sua distinção real entre si e sua intra e extra-trinidade de uns pelos

Talvez uma compreensão que se criou ao longo da história do cristianismo possa acabar por limitar nossa visão de Deus e, sobretudo, nossa experiência com Ele. Por muito tempo vigorou, no imaginário popular e inclusive nas pregações eclesiais, a face de um Deus que é Pai segundo os moldes de um pensamento arcaico, por meio do qual Deus é visto como aquele que detém o poder e o saber, aquele que domina, submete e julga a todos. Apresenta-se assim, numa relação vertical. Esta imagem de Deus Pai todo-poderoso, onisciente, juiz supremo e senhor absoluto da vida e da morte amedrontou muito mais do que conquistou os corações humanos (cf. BOFF, 1986, p. 26). “Ao lado dele não há, propriamente, lugar para um Filho e para o Espírito Santo com os quais estaria em comunhão. [...] O ser humano se sente mais servo do que filho, servo submisso que se conforma à vontade soberana do Pai que está no céu” (BOFF, 1986, p. 26). Esta percepção distorcida oculta a imagem do “Pai enquanto criador do mundo” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 67), aquele que se compadece da dor de Israel (cf. Ex 3,7s) e o assume como “filho primogênito” (Ex 4,22), Pai dos pobres, pequeninos, doentes, viúvas e órfãos, o qual é tamanha bondade e ternura que se pode expressa pela imagem da maternidade (cf. Sl 68,6; Is 66,13; Sl 131,2).

No contexto da América Latina, já nos idos da modernidade, Boff (1986) ajuda-nos a perceber que, frente a situações de miséria, intolerância, abusos contra a dignidade da vida humana, voltou-se um olhar centrado na face do Filho, proclamando-o como irmão, chefe e mestre. Dessa forma Jesus de Nazaré é, antes tudo, um líder, e segui-lo implica assumir as atitudes heroicas e humanitárias que o colocaram em conflito com os poderes opressores de seu tempo. Assim, apresenta-se uma relação horizontal, desvinculada do Pai, transcendente e centrada na pura imanência das ações de Jesus, visto não como o Filho, mas como o revolucionário (cf. BOFF, 1986, p. 27). Esta visão do Jesus ofusca a grandeza de seu ministério e missão. Além de passar por este mundo fazendo o bem, “Jesus revelou que Deus é Pai [...], não o é somente enquanto criador, mas é eternamente Pai em relação ao Filho único, que reciprocamente só é Filho em relação ao Pai” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 68).

Ora, atualmente vê-se com facilidade certa inclinação de alguns grupos para com a pessoa do Espírito Santo. Homens e mulheres que buscam viver numa

outros, com os outros e nos outros (cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, p. 70).

⁷ “Ninguém conhece o Filho senão o Pai, e ninguém conhece o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (Mt 11,27).

benevolência tendem a encontrar em movimentos espiritualistas, de cunho carismático e interiorista, a chamada paz interior, a superação de problemas pessoais e familiares, a depressão, a justificativa para as mazelas da vida humana e a conformidade para sua situação de sofrimento (cf. BOFF, 1986, p. 27). Esta espiritualidade não busca se comprometer com ações de cunho social, tão pouco com uma reflexão aprofundada quanto as causas do sofrimento humano e das situações de vulnerabilidade social. Trata-se de uma relação interior que busca responder a tudo como manifestação e inspiração do Espírito Santo. Porém, a origem eterna do Espírito revela-se integralmente à luz da missão temporal deixada pelo Filho que procede do Pai e dele cumpre a vontade, através do envio dos apóstolos (cf. CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 69).

Tais percepções de Deus mostram-se limitadoras, pois na Trindade cada pessoa é pela outra, age pela outra, pois provem da outra.

Um cristianismo centrado demasiadamente no Pai sem a comunhão com o Filho e a interiorização do Espírito Santo pode dar origem a uma imagem opressora de Deus [...]. Um cristianismo fixado no Filho sem a referência ao Pai e sem a união com o Espírito Santo pode ocasionar a auto-suficiência e o autoritarismo dos líderes e dos pastores. Um cristianismo, finalmente, assentado excessivamente no Espírito Santo sem ligação com o Filho e sua última referência ao Pai favorece o anarquismo e a anomia (BOFF, 1986, p. 28).

Mesmo que os homens, ao longo da história da humanidade, não tivessem a consciência dessa realidade, isto é, a plena compreensão de Deus Trindade enquanto Deus, “nem por isso o que eles experimentaram deixou de ser o Deus trino e verdadeiro” (BOFF, 1986, p. 21). Deus se dá conhecer como alguém que se revela aos homens como a amigos, dirigindo-se as pessoas e falando com elas (cf. DEI VERBUM, 1983, p. 122). Tal revelação não se deu num momento passado e estanque da história, mas pode ser compreendido como um processo, por meio do qual Deus Trindade se manifesta a nós, seres humanos, ao longo de toda nossa experiência de vida. Ele [Deus] sempre se revelou assim como é em si mesmo, Pai, Filho e Espírito Santo (cf. BOFF, 1986, p. 21).

Mediante a auto manifestação de Deus, pelo Filho o Pai se dá a conhecer plenamente, escolhendo esta economia de carne e linguagem humana para se comunicar aos homens. Não se trata da busca humana pelo desejo de conhecer a Deus que proporciona este encontro, mas é Deus que “revela-se a si próprio e os desígnios de sua vontade” (Ef 1,9), o que “sublinha a auto manifestação

e autoação de Deus em pessoa” (LOPES, 2012, p. 89). Deus se dá a conhecer por meio dos vestígios de seu ser trinitário na obra da criação, em toda trajetória do Antigo Testamento, mas de forma íntima de seu ser enquanto Santíssima Trindade, na encarnação de sua Palavra Criadora (cf. Gn 1,3s; Jo 1,14s), o próprio Filho de Deus e a vinda do Paráclito (cf. CATECÍSMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 67). Ora,

a Santíssima Trindade são três pessoas perfeitamente iguais por natureza, e vivem uma para a outra, solicitando-se por necessidade. Nenhuma pode prescindir da outra. Nenhuma existe e opera independentemente da outra. E todas estão plenamente e sempre unidas, ligadas pelo vínculo do amor. A sua comunhão, o seu entendimento, a sua união chama-se Amor (DUARTE; BOFF, 2013, p. 176).

Nesta realidade pericorética⁸, ou seja, de que pelo nome de Deus devemos compreender a comunhão⁹ das pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo, contemplamos a face de um único Deus. Mas, como se dá esta manifestação a fim de que cheguemos a compreensão de que, de fato, Deus é uma Trindade de Amor? Para tanto, o pensamento grego ajuda-nos a compreender essa relação existente entre as pessoas que compõem a Trindade. Cada pessoa está aberta uma para a outra, de forma que cada uma interpenetra a outra, sendo sempre uma com a outra constituindo uma relação de unidade e abertura para fora (cf. BOFF, 1986, p. 38).

Boff (1986) nos recorda que, na tradição da Igreja, os Santos Padres, São Basílio Magno (330-379), Gregório de Nissa (393) e São Gregório Nazianzeno (329-390), partem da comunhão e da relação estabelecida pelas três Pessoas da Trindade, na qual cada Pessoa possui sua existência singular, concreta e individual, cuja peculiaridade de cada uma se define em

⁸ Expressão grega, cunhada a partir do século VI, para afirmar que cada Pessoa da Trindade contém as outras duas, cada uma penetra as demais e se deixa penetrar, uma morando na outra de forma recíproca. Tal expressão grega tem o mesmo significado da expressão latina, *circuminsessão*.

⁹ Cf. o Catecismo da Igreja Católica Romana, Deus é único mas não solitário. O Pai, o Filho e o Espírito Santo não são simplesmente nomes, mas designam modalidades do ser divino. O Pai não é Filho e este não é o Pai, tão pouco o Espírito Santo seria o Pai ou o Filho. São distintos, mas o Pai só é pelo Filho, e este só é Filho pelo Pai e pelo Espírito. Logo, o Pai só é pelo Espírito, pois o Filho também o é. O Espírito é pelo Pai e pelo Filho e do Pai e do Filho. Com isso queremos dizer que um só é em relação aos outros, e pela diversidade dos outros (1993, p. 71).

relação as outras, a começar pelo Pai, fonte e origem de toda divindade (cf. BOFF, 1986, p. 75). O Pai é por natureza ingênito, ou seja, não foi gerado ou criado por ninguém, mas é a fonte de toda divindade. O Filho é gerado, não criado, consubstancial ao Pai. O Espírito, segundo a tradição latina, procede do Pai e do Filho, consubstancial a Eles. Há uma comunhão entre as pessoas, pois “o Pai tudo realiza pelo Verbo no Espírito Santo” (BOFF, 1986, p. 75). Há unidade na diversidade. Já disse São Gregório Nazianzeno: “Divindade sem diferença de substância ou de natureza, sem grau superior que eleve ou grau inferior que rebaixe[...] A infinita conaturalidade é de três infinitos. Cada um considerado em si mesmo é Deus todo inteiro” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 71).

Santo Agostinho de Hipona (399-422), em seu tratado sobre a Trindade, intitulado, *De Trinitate* reafirma o pensamento teológico de que Deus é a Trindade, ou seja, a Trindade é o único Deus verdadeiro, não havendo como pensar uma Pessoa da Trindade sem as demais, pois ambas coexistem na unidade substancial (natureza ou essência). “Nenhum deles teve começo nem terá fim” (BOFF, 1986, p. 77), pois se assim o fosse, seriam acidentais e não substanciais. O ser de cada pessoa, segundo Agostinho, seria ser-para-si, enquanto a pessoa significa ser em relação a e com o outro. Assim, cada Pessoa é no seu modo próprio de ser. A substância permanece a mesma pois, como disse São Tomás de Aquino (1224-1274), em Deus não existem acidentes, tão pouco fortuitos como ocorrem nas criaturas (cf. BOFF, 1986, p. 79). A Trindade é o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Pessoas distintas entre si, mas relativas umas às outras.

2. ATO KENÓTICO¹⁰ DA TRINDADE

“Toda a economia divina é obra comum das três pessoas divinas” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993, p. 72). Pela encarnação de Jesus Cristo, o Filho de Deus Pai, não apenas a Pessoa do Filho se encarnou, mas Deus em sua totalidade fez-se homem, assumindo nossa condição humana em tudo, exceto no pecado (cf. Hb 4,15). “Sendo humano tornou-se servo” (SANTOS; XAVIER, 2008, p. 113). O próprio Deus esvaziou-se de si para se

¹⁰ Abordaremos a Kénosis a partir da economia da salvação a luz do mistério pascal de Cristo Jesus. Como este esvaziamento se expressa, a luz do texto bíblico, no mistério da Trindade.

encontrar com o ser humano – ato Kenótico¹¹. Trata-se de um despojamento, um ato de amor livre e espontâneo em vista do outro. Ora, quem é este outro senão aquele que o próprio Deus escolheu como seu (cf. Ex 6,7)? Não se trata de um esvaziamento parcial ou individual, mas total e completo, uma entrega de amor da Trindade.

É o Pai que se esvazia de sua condição de Pai para se encontrar no Filho, sem deixar de ser Pai; o Pai só é Pai em relação ao Filho, e o Filho que se esvazia de sua condição de Filho para se encontrar no Pai, sem deixar de ser Filho; o Filho só é Filho em relação ao Pai, e o Espírito Santo que é o próprio amor kenótico e a relação; o Espírito se dissimula do seu ser pessoa para ser a relação de amor entre o Pai e o Filho; ele é o movimento, a dinâmica, sem deixar de ser hipótese (pessoa); é Pessoa-dom-que-se-dá. Fica abscondito, como que dissimulado na relação e no amor entre o Pai e o Filho. O Pai é o amor que se doa, é o AMANTE; o Filho é o amor que recebe, o AMADO, e o Espírito é o próprio AMOR (SANTOS; XAVIER, 2008, p. 114, grifo do autor).

A encarnação de Deus torna-se um escândalo, pois como conceber que o “todo poderoso” se fez um de nós e nasceu por meio de um ventre de mulher? Se fez frágil na pequenez de uma criança? Se preocupou mais com prostitutas, moribundos, endemoniados e impuros, do que com aqueles que seguiam à risca a Lei? “A Encarnação do Filho de Deus é que vai mostrar que Deus não é apenas uma Ideia, ou o Uno, ou o Princípio dos filósofos, mas alguém Vivo: um Deus que veio falar a nós, revelar-se a nós, amando e desejando ser amado” (BINGEMER, 2004, p. 131). A encarnação de Jesus, seu ministério, seu sofrimento, sua entrega total, este esvaziar-se da divindade para encher-se da condição humana constitui um movimento de descida, serviço, sofrimento e abandono do Pai e do Espírito no Filho e com o Filho (cf. SANTOS; XAVIER, 2008, p. 117).

Deus se manifesta à humanidade em diversos momentos da história, fazendo-se próximo dos homens. Este Deus dialoga com os homens na história. Ele que muitas vezes e de muitos modos falou pelos profetas, um Deus que caminha com o povo, um Deus vivo (cf. Js 3,10; Dt 5,26; Hb 12,22); um Deus presente no meio do povo (cf. Js 3,10); Senhor de toda a Terra (cf. Js

¹¹ “Kénosis é o sair de si sem deixar de ser o ‘si’ mesmo. É um auto-esvaziamento. É se esvaziar para se encontrar no outro, sem perder a própria identidade. [...] A kénosis de Deus não se dá somente na pessoa de Jesus, ela é trinitária” (SANTOS; XAVIER, 2008, p. 114, grifo do autor).

3,11.13); que reina sobre a terra inteira (cf. Sl 47,3); pois a Ele pertence a Terra e tudo o que nela existe (cf. Sl 24,1); um Deus único (cf. Dt 6,4-5); Deus vivo (cf. Js 3,10) e não um ídolo (cf. Sl 115), mas um Deus peregrino, migrante, em movimento com o Povo (cf. Js 3,14) e que fala por meio de seu Filho, o Verbo encarnado, a fim de explicar os seus segredos (cf. Jo 1,1-18).

[Ele] se despoja de toda a sua divindade para se relacionar com o humano. [...] O Pai que desceu na criação e na história de seu povo; desceu para estar presente, atuante, em suas vidas, pois o Pai é fonte inesgotável, ágape kenótico do amor que se esvazia para descer e se encontrar no outro (SANTOS; XAVIER, 2008, p. 115).

18 O Pai é a origem de toda a ação. “Ele é o princípio sem ter principiado” (BOFF, 1986, p. 38). Na criação Ele age pelo Filho/Palavra/Verbo e pelo Espírito/Ruah/Sopro (cf. Gn 1,2-3s). O Filho é enviado pelo Pai, manifestando o Pai em suas ações, agindo não segundo sua vontade mais seguindo o cumprimento da vontade do Pai. “Porque Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu seu Filho Unigênito, para que todo que crê n’Ele não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). E quando perguntarem, sobre qual a face do Pai, Jesus os interroga: “Há tanto tempo estou convosco e tu não me conheces? [...] Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9).

Assim sendo, o Pai é o princípio da ação kenótica do Filho, todavia, o Filho age segundo o Pai, mas inspirado pelo Espírito (cf. Lc 4,18). O que move esta ação é o amor que se revela na história da salvação e tem seu ápice na encarnação do Filho e em seu sacrifício na cruz. “O amor se dá a conhecer em meio ao desamor e ao conflito que compõem as tramas da história, que o ser humano pode então fazer a experiência do Deus que é amor, do Deus que oferece amor e deseja ser amado [...] em sua revelação ao povo de Israel” (BINGEMER, 2004, p. 128). Este Deus que se manifestou a nossos pais, Abraão, Isaac e Jacó é um Deus que quer ser amado e não temido. É aquele que Jesus chamara Abbá, papaizinho (cf. Mc 14,36; 6,46; Lc 3,21; 11,1). E é justamente este amor o motor da história da salvação.

Se nos perguntamos quem é Deus, Jesus nos responde mostrando como Deus age. Sua ação não é isolada, mas age por completo em vista do Reino. Mostra-se o Deus dos pecadores e não dos justos (cf. Lc 15,7), ama os ingratos e acolhe os transviados (cf. Mt 25, 34-40). Assim, o Filho, ao mesmo tempo que revela o Pai, age pelo Espírito. Como obra do Espírito, sua encarnação é

em si a vontade do Pai e a obra do Espírito (cf. Mt 1,20; Lc 1,35). Porém, só reconheceremos que Jesus é o Filho de Deus por inspiração do Espírito Santo. É ele que nos permitirá clamar, abba, papaizinho (cf. BOFF, 1986, p. 51).

Segundo Karl Rahner, será Jesus

Aquele que abrirá na história, definitivamente, o acesso à presença e ao amor trinitário. Será neste homem, 'que chamou e rezou a Deus como seu Pai (Abba) e que, por seu agir e ensinamento, mas sobretudo por sua maneira de enfrentar a violência até a morte e por sua ressurreição dentre os mortos, manifestou que existia um elo único entre o Pai e ele mesmo', que o ser humano poderá encontrar o acesso real e definitivo ao mistério trinitário. [...] É, portanto, na narrativa da vida humana de Jesus reconhecido como Senhor pelo "novo nascimento", tornado possível pelo Espírito Santo que o horizonte trinitário se entrelaça com o discurso cristológico, em mútua fecundação e recíproca iluminação (*apud* BINGEMER, 2004, p. 131, grifo do autor).

Feitos a imagem e semelhança de Deus, cada ser humano aparece como reflexo da Trindade. O pecado acaba por nos afastar de Deus, porém, não destrói totalmente tais laços (cf. BOFF, 1986, p. 39). "O humano, em Deus, é chamado a ser kenótico, a entrar em relacionamento com Deus e com o outro. É chamado a se esvaziar para se encontrar no outro" (SANTOS; XAVIER, 2008, p. 115). Boff nos lembra as palavras de Santo Irineu (208), as quais dizem que "o Filho e o Espírito constituem as duas mãos pelas quais o Pai nos toca e nos molda à sua imagem e semelhança. Eles foram enviados ao mundo para armarem sua tenda entre nós, assumirem nossa própria situação em ordem a salvação e a inserção na comunidade trinitária" (1986, p. 42).

3. A TRINDADE COMO UM SER-PARA-O-OUTRO¹²

No advento da modernidade, a ciência foi concebida como a resposta para as grandes questões da vida humana. Fora postulada a morte do Deus metafísico, o todo poderoso, e com Ele "a morte do valor absoluto, da fonte de inteligibilidade do mundo, do fundamento moral da realidade"

¹² Para um maior aprofundamento quanto a reflexão do ser para o outro, recomendamos a obra: LEVINAS, Emmanuel. **De outro modo que ser o más allá de la esencia**. Tradução Antonio de Pintor Ramos. 4ª ed. Salamanca, Espanha: Sígueme, 2003.

(ROSA, 2005, p. 06). Ora, o que deveria ser caminho de emancipação, libertação e realização humana trouxe consigo “uma desolação extrema, a perda de todo o sentido da realidade, a perda do valor dos valores” (ROSA, 2005, p. 06). O fundamento moral tornou-se a consciência, todavia, para tanto se faz imprescindível o consenso em vista da construção de tal fundamento. Deparando-se com a angústia e sentimento de orfandade, ante o atestado de óbito divino (cf. ROSA, 2005, p. 07), o ser humano moderno encontra-se desamparado, sem um sentido o qual ele possa tomar para si e seguir. “Acreditou-se piamente que a morte de Deus era a condição necessária para que o homem pudesse assumir o lugar de protagonista da história do seu próprio destino” (ROSA, 2005, p. 07). Todavia, desorientado, o ser humano é objetificado, em meio a sociedade de produção e consumo, acaba por eleger outros deuses aos quais irá prestar culto, seja o capital, o próprio ego ou até mesmo a ciência. “O rosto humano com que se apresentava o humanismo se perdeu, agora que se vem assistindo o esvaziamento do humano, à morte do homem” (ROSA, 2005, p. 08).

É justamente ante as angústias da vida humana, na qual o ser humano contemporâneo depara-se com problemas e situações dos mais diversos tipos e formas, cenário no qual difunde-se uma cultura do ódio como bandeira e caminho viável para a construção de uma pseudo paz, a Trindade enquanto modelo de comunidade, relação interpessoal entre as três Pessoas Divinas, pode ajudar-nos a pontar caminhos possíveis de serem trilhados nos quais a comunicação, o diálogo e a reciprocidade constituam as bases de um ser humano e de uma sociedade mais humana. Assim, “a Trindade aparece como o modelo para todo o convívio social igualitário, respeitoso das diferenças e justo. A partir da fé em Deus trino os cristãos postulam uma sociedade que possa ser imagem e semelhança da Trindade” (BOFF, 1986, p. 23).

Somos interpelados, a exemplo do Filho, a não agirmos segundo nossos interesses pessoais, que por vezes são egoístas, mesquinhos e maldosos, mas a abdicarmos de nossas certezas e por que não dizer, direitos, para colocar-nos no lugar do outro, fazendo-nos próximos do outro. Ora, quem é este outro? O outro é o ani, anaw, o humilhado, o curvado, o desvalido, esquecido, um rosto com várias faces¹³ (cf. CELAM, 1983, p. 95-96). Trata-se de um redescobrir o sentido que reúne a condição de liberdade e univocidade. É um pôr-se em

¹³ O Documento conclusivo da Conferência de Puebla (1979) apresenta diversas faces ou feições daqueles que são por excelência o próximo: feições de crianças, jovens, indígenas camponeses, operários, subempregados e desempregados, marginalizados e anciãos (cf. CELAM, 1983, p. 95-96).

movimento para o outro, em vez de me contemplar ou contentar (cf. LEVINAS, 2012, p. 49). É um compadecer-se com o outro, sentir uma compaixão insaciável, de tal forma que me coloque em movimento, próximo do outro.

O movimento de descer, ir ao encontro constitui o exemplo deixado por Jesus para que agora, também nós, outros homens, o façamos (cf. Jo 13,15). A relação entre as Pessoas da Trindade possibilita um novo olhar para as relações humanas e a forma de viver a fé cristã. Muito há para se dizer sobre a riqueza inexplorada na Trindade, pois Deus trino significa a união da diversidade (cf. BOFF, 1986, p. 13). Uma só pessoa recairia na solidão, no abandono e na autosuficiência. Se fossem apenas duas pessoas, abre-se campo para disputas de poder, competição. Mas, três pessoas permitem uma mediação de uma por outra, uma inter-relação, que “evita a solidão, supera a separação e ultrapassa a exclusão” (BOFF, 1986, p. 13). A Trindade nos ensina que pode haver unidade na multiplicidade, movimento no uno e a partir deste, em uma ação kenótica, de responsabilidade com outrem. Nela ninguém é maior ou menor, mais ou menos importante, superior ou inferior. A relação necessariamente apresenta-se como uma experiência de interação, na qual existe fragilidade e ao mesmo tempo amparo entre as Pessoas. Assim, “o Deus trinitário não é alguém que nos convide a um regresso ao fundamento no sentido metafísico” (ROSA, 2005, p. 12), ou seja, o Deus que julga, pune e recompensa, mas sim um Deus que dialoga com a humanidade e em si é pura relação, comunicação, pois se não o fosse, não seria Deus.

É justamente diante de uma sociedade excludente, marginalizante, onde a vida é objetificada e a corrida desenfreada pelo acúmulo de capital torna-se o único objetivo, onde os grandes shopping centers tornaram-se os novos templos nos quais o homem contemporâneo presta culto ao deus mercado, transubstancial na condição de dinheiro, que a Trindade tem algo a nos ensinar. Num contexto onde a indiferença tomou conta do agir do homem contemporâneo, ante a sociedade do consumo e das aparências, deparamo-nos com a falência do humano, a exploração do homem pelo homem. A Trindade, em sua diversidade, mostra-nos como é ser-para-o-outro, numa relação sem a qual deixo de ser. Pois, sou um ‘Eu Mesmo’ a medida que não me furto da responsabilidade com o outro, por meio da qual esvazio-me do meu Eu (cf. LEVINAS, 2012, p. 53). Constitui-se assim um movimento ético, pois a consciência me questiona frente ao rosto do outro, o que proporciona um ato de transpor barreiras interiores e exteriores, numa redescoberta do humano existente em cada homem, um movimento de romper a distância interior com o distante

(cf. MENESES, 2009, p. 81). A identidade é definida, neste contexto, ante a exterioridade imediata por vezes indiferenciada da natureza, do meio social.

O comprometimento e a responsabilidade com o outro objetificado me colocam em movimento, pois só serei eu a medida que o outro puder ser, e neste movimento, o Eu ser será a partir da relação com o outro. “A realidade que está para além do ser, manda-me como um imperativo, que é mais forte e que é anterior a bipolaridade do bem e do mal” (MENESES, 2009, p. 84). A Trindade nos inquieta e provoca este movimento de responsabilidade ética com o outro não como condição para a vida eterna, mas como condição necessária para o homem ser humano. “A responsabilidade, antes de mim e de minha liberdade será o único modo de ser perante o abandono do desvalido” (MENESES, 2009, p. 87). A ação do bem é possível mediante o sentimento de responsabilidade pelo outro, por sua miséria¹⁴, pela compaixão suscitada na comoção das vísceras, ou seja, naquilo que me desestabiliza enquanto ser, no gestar um novo sentido.

A fé no Deus trino transforma toda a compreensão da realidade. Já não se trata da unidade da substância, do ‘ser em si’ e o do ‘ser para si’, nem tão-pouco do ‘ser colectivo’ no qual toda a diferença ‘se funde’: a partir do Deus trino, o mundo de relações da pessoa manifesta-se como paradigma decisivo para entender a realidade e nela se orientar. A relação, o ‘estar-em-relação’, mostra-se como a essência mais profunda da realidade. A suprema e verdadeira realidade, tanto na esfera criatural como, com maior razão, na divina, é “ser com os outros” (GRESHAKE *apud* ROSA, 2005, p. 17, grifo do autor).

Vimos que “a revelação inaugura entre Deus e a criatura humana um diálogo que ultrapassa os séculos” (LOPES, 2012, p. 90). A Trindade que está sempre em diálogo entre si, na diversidade de Pessoas autocomunica-se – dá-se a conhecer, mostra-se ao ser humano, não por uma necessidade divina, mas para conduzir o homem a salvação. Neste processo, Deus Trindade conversa com os homens estabelecendo amizade (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15). O objetivo da amizade é assemelhar-se ao máximo – estabelecer comunhão, por meio da comunicação, do diálogo, da relação. O homem se coloca em atitude de escuta, não de forma passiva, mas sim interagindo, colocando-se em movimento. A comunicação estabelecida já é resultado de um movimento anterior, a interpe-

¹⁴ Seja entendida miséria não apenas segundo o fato econômico, mas na condição humana integral.

lação da face do outro. A Trindade justamente provoca-nos a não fecharmos os olhos, fazendo-nos omissos ao outro, mas possibilita estabelecer relação e estreitar os laços com o outro, num movimento de reciprocidade a medida que eu-sou-para-outro mesmo que o outro não responda a mim, pois no ato de não responder já existe uma resposta que merece ser considerada. Este constitui um ato kenótico, movimento de descida, inclinação em direção ao outro que me coloca em relação a este, ato no qual acorro junto ao outro para prestar auxílio, mas um movimento no qual quem sai auxiliado seria o Eu que neste retornou já não constitui mais um Eu mesmo, mas está mudado, é um outro.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre o tema da Trindade não é recente, mas ficou estagnada por muito tempo, em detrimento de pensamento pragmático. Restrita ao ambiente eclesial, inserida em ritos, simbolismos e fórmulas, a Trindade pouco tem a dizer para nossa sociedade. Porém, ante a crise da modernidade no Ocidente, a Trindade apresenta-se como caminho viável para redescobrirmos, reafirmarmos e estreitarmos as relações humanas. Mais do que um Deus que reina nos céus e julga seus súditos, a Trindade revela-se na história da salvação como Deus que se inclina e desce para junto de seu povo. Um Deus em três Pessoas que se manifesta de forma diversa e ao mesmo tempo una. Unidade na diversidade, o mesmo e o outro, o uno e o múltiplo, o singular e o plural em um mesmo ser.

A Igreja, através da sabedoria dos Santos Padres, bem como através de Concílios Ecumênicos construiu uma riquíssima doutrina sobre a Santíssima Trindade. Com certeza, por maiores que sejam os esforços dos homens na busca por compreender Deus, jamais esgotaremos esse mistério de amor que é a Trindade. Simultaneamente, enquanto Criadora todas as coisas, a Trindade se faz criatura, na Pessoa do Filho que assume nossa condição humana em tudo, exceto no pecado. Trata-se de um Deus que, em Jesus “esvaziou-se a si mesmo, assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E, achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz!” (Fl 2,5).

A comunicação e a harmonia existentes entre as Pessoas da Trindade apontam-nos caminhos viáveis em vista de uma sociedade pautada, acima de valores religiosos específicos, em uma espiritualidade que consiga congregar a diversidade na unidade, impelindo os homens, a partir de um sentimento

de responsabilidade, a um comprometimento com o outro, para que, de fato, possamos assumir que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias das pessoas de hoje, sobretudo das pobres e de todas aquelas que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias das discípulas e discípulos de Cristo” (GAUDIUM ET SPES, 1983, p. 143).



REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Um Deus para ser amado: algumas reflexões sobre a Doutrina Trinitária em Karl Rahner. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, n. 36, 2004, p. 125-141. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/viewFile/465/888>. Acessado em: 01 de set. 2018.

BOFF, Leonardo. **A Trindade, a sociedade e a libertação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

CELAM. **A evangelização no presente e no futuro da América Latina**. Conclusões de Puebla. 5. ed. Paulinas, 1983.

GAUDIUM ET SPES, sobre a Igreja no mundo de hoje. In. **Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 143-256.

DEI VERBUM, sobre a revelação divina. In. **Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 121-139.

DUARTE, Pedro Pereira; BOFF, Clodovis. A Trindade Santa: modelo supremo da família como comunidade de amor. **Caderno Teológico da PUCPR**, Curitiba, v.1, n.1, 2013, p.163-191. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/teologico?dd99=issue&ddd0=555>. Acessado em: 01 de set. 2018.

LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Trad. Pargentino S. Pivatto. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **De outro modo que ser o más allá de la esencia**. Trad. Antônio de Pintor Ramos. 4ª ed. Salamanca, Espanha: Sígueme, 2003.

LOPES, Geraldo. **Dei Verbum Texto Comentado**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

MENESES, Ramiro D. B. de. A temporalidade plesiológica na parábola do Homo Viator (Lucas 10.25-27). **Vox Scripturae**, v. 17, n. 1, mai. 2009, p. 79-92. Disponível em: <http://vox.ft.edu.br/pesquisa/A%20temporalidade%20plesiol%C3%B3gica%20na%20par%C3%A1bola%20do%20Homo%20Viator>. Acessado em: 01 de set. 2018.

ROSA, José Maria Silva. **Vês verdadeiramente a Trindade se vês o amor**. Covilhã: LusoSofia Press. 2005. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/rosa_jose_immo_vero_vides_trinitatem_si_caritatem_vides.pdf. Acessado em: 15 set. 2018.

SANTOS, Eduardo dos; XAVIER, Donizete José. A Descida do Deus trindade: a Kénosis da Trindade. **Revista de Cultura Teológica**, v. 16, n. 62, jan/mar, 2008, p. 111-123. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15629/11658>. Acessado em: 01 de set. 2018.

XAVIER, Donizete José. **A Teologia da Santíssima Trindade**: Kénosis das Pessoas Divinas como manifestações do amor e da misericórdia. São Paulo: Palavra e Prece Editora, 2005.

